



# As mais influentes de 2016

Solange Argenta

Pesquisadora da Fiocruz Pernambuco figura entre as dez personalidades do ano da revista *Nature*

O final de 2016 trouxe uma grata surpresa para a pesquisadora visitante da Fiocruz Pernambuco Celina Turchi: a sua indicação, pela revista *Nature*, como uma das dez personalidades mais influentes da ciência mundial no ano que passou – e a única brasileira selecionada. Celina tem 64 anos, é médica e PhD em epidemiologia das doenças infecciosas. Coordena o Grupo de Pesquisa da Epidemia de Microcefalia (Merg), que fez o primeiro estudo caso-controlado relacionando o vírus zika com essa doença. O grupo é formado por 30 pesquisadores oriundos da Fiocruz PE, Universidade de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, Secretaria de Saúde de Pernambuco, Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, Fundação Altino Ventura, Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) e Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip). É com esses colegas que a coordenadora compartilha o reconhecimento recebido da *Nature*, como relata na entrevista abaixo:

A senhora foi a única representante do Brasil nesta lista de dez personalidades da ciência em 2016. O que esse reconhecimento significou?

**Celina Turchi:** Foi uma grata surpresa. Eu tomei essa indicação como um reconhecimento do protagonismo do Brasil e principalmente de instituições do epicentro da epidemia, que foi Pernambuco. Então, neste sentido, eu fiquei muito contente pelo reconhecimento do grupo Merg.

A quais características do trabalho desenvolvido com o grupo Merg atribui o destaque que lhe foi conferido pela *Nature*?

**Celina:** Gostaria de destacar o rigor em produzir evidências, utilizando-se protocolo de pesquisa metodologicamente bem desenhado. Em um contexto epidêmico de microcefalia, utilizou-se metodologia adequada para estabelecer a relação de causalidade entre a infecção pelo vírus zika e defeitos congênitos, no menor espaço de tempo. Se-



Celina Turchi compartilha com os colegas pesquisadores o reconhecimento recebido da *Nature* (Foto Ascom/Fiocruz PE)

gundo, eu acho que foi a formação de uma rede de pesquisadores, estes que hoje compõem o Merg.

**Como foram os primeiros dias entre a detecção do problema e o início das pesquisas na Fiocruz Pernambuco?**

**Celina:** Estava claro desde o início que se tratava de uma emergência em saúde pública. Havia muitas hipóteses quanto à causa do evento que precisavam ser investigadas. Mas eu acredito que a maturidade das instituições científicas tornou possível que essa rede funcionasse. Houve também a contribuição importante de pesquisadores de outros países, como a Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres. A pesquisa caso-controle surgiu num contexto inicial quando não se tinha ainda provas suficientes de que a microcefalia e os defeitos congênitos fossem causados pelo vírus zika.

**De que forma o grupo de pesquisa que a senhora coordena foi constituído e como foi seu papel nessa construção?**

**Celina:** O Ministério da Saúde solicitou que eu avaliasse a situação, como um observador externo num primeiro momento. Ao visitar os hospitais, me dei conta não só da gravidade, mas da urgência e ficou claro que não era o trabalho de uma pessoa, nem de uma equipe pequena. Que a magnitude e a transcendência social do problema exigiriam uma multiplicidade de enfoques e uma verdadeira força tarefa multidisciplinar. Eu tive um contato inicial muito esclarecedor com o doutor Carlos Brito (UFPE), que foi quem levantou inicialmente a hipótese de a microcefalia estar associada à infecção pelo vírus zika durante o período gestacional. Depois, recebemos o apoio da Organização Panamericana de Saúde, com Enrique Vázquez. A primeira iniciativa foi o contato com os profissionais com vasta experiência na condução de estudos epidemiológicos, como Ricardo Ximenes (UFPE/UPE) da área de doenças infecciosas e Thália Barreto (UFPE) da saúde coletiva. O

gratificante foi a adesão de outros pesquisadores experientes de outras instituições com suas equipes.

**Qual a sua avaliação da resposta dada pelas instituições brasileiras a essa situação de emergência em saúde pública?**

**Celina:** Do ponto de vista de conhecimento científico, foi um avanço. O Brasil teve um protagonismo importante. No entanto, é preciso mais investimento para se ter possibilidade de dar respostas de uma forma mais coordenada e oportuna frente as epidemias. Acho que o Ministério da Saúde fez um bom trabalho, mas acredito que manter ou aprimorar os recursos humanos para esse tipo de investigação é importante para o país.

**Como avalia a ciência feita hoje no Brasil?**

**Celina:** Hoje é difícil falar exclusivamente da ciência brasileira. Eu tenho orgulho das pessoas e me identifiquei com quem milita para fazer um bom trabalho no campo científico, em qualquer das áreas. Os incentivos não são muitos, as carreiras são precárias, no entanto hoje em dia não existe a ciência num país só. Estamos num mundo globalizado, com muitos intercâmbios. O que me surpreendeu gratamente nessa situação foi a ética entre os grupos. Houve interação de uma forma respeitosa.

**Que fatores têm contribuído para os avanços nos trabalhos do grupo Merg?**

**Celina:** Acho que há um entusiasmo. As pessoas se desdobram, às vezes, até o limite porque sabem da importância do trabalho e mais do que isso, que é uma oportunidade histórica de produzir conhecimento. Contamos não apenas com esses pesquisadores sêniores, mas também com os alunos de pós-graduação. O que ajudou foi ter uma estrutura montada de um instituto que nos apoiou de forma integral. Foi surpreendente o apoio institucional prestado pelo diretor (da Fiocruz PE) Sival Brandão Filho.

**O que tem representado dificuldade para o desenvolvimento das pesquisas?**

**Celina:** Existiu um descompasso entre a necessidade de uma resposta rápida frente à epidemia e os processos institucionais para a liberação de recursos. Assim não havia disponibilidade de recursos financeiros em situações emergenciais.

**Que respostas o grupo Merg já obteve e quais são as próximas investigações?**

**Celina:** O estudo caso-controle mostrou a força de associação entre o vírus zika e a microcefalia. Crianças com microcefalia que nasceram nesse período da epidemia tinham presença do vírus, enquanto nenhum dos controles era positivo. Detectou-se que na primeira onda epidêmica de infecção pelo vírus, a prevalência de infecção foi muito alta na população. Atualmente, o estudo da coorte das gestantes procura responder em que momento da infecção há maior risco de ter alterações ou anormalidades fetais. Essa coorte faz parte de um projeto em colaboração com a União Europeia, o Zikaplan, que também vai estudar a coorte de neonatos para descrever o espectro da infecção congênita. Outras iniciativas importantes estão sendo financiadas, como o projeto sobre o impacto social e familiar da síndrome congênita do zika.

**Que lições destaca dessa experiência de construir um conhecimento novo, em uma situação de emergência internacional?**

**Celina:** Todos ganhamos uma experiência única de convivência e uma oportunidade de preencher uma lacuna do conhecimento científico. Eu tinha certeza que o grupo estava comprometido em dar o seu melhor. Não tinha nenhuma garantia de sucesso. Na pesquisa, como na vida, não há nenhuma garantia. Havia só uma certeza, que nós tentávamos fazer o melhor do ponto de vista científico, com ética.